

Linguagem, conhecimento e tecnologia: a Enciclopédia Audiovisual da Análise do Discurso e áreas afins

Bethania Mariani

UFF / CNPq / LAS

O que está acontecendo com a ciência, relativamente à prática das novas tecnologias?

Orlandi

Resumo: O objetivo deste artigo é promover uma discussão sobre linguagem, produção de conhecimento e tecnologia a partir de um projeto de pesquisa intitulado Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discurso e áreas afins. Esse projeto tem como produto vídeoverbetes que circulam digitalmente com a finalidade a divulgação do conhecimento científico no campo de estudos de linguagem. Essa Enciclopédia tem seu funcionamento no que Pêcheux chama de constituição discursiva dos espaços polêmicos das maneiras de ler. O trabalho desenvolvido promove indagações que percorrem domínios da discursividade nos modos de textualização e circulação da produção de conhecimento, tendo em vista o avanço das novas tecnologias em uma sociedade capitalista. Uma dessas indagações incide justamente no gesto que irá significar a o termo 'ciência' no meio digital: apenas como

informação desprovida da historicidade que a constitui ou como produção de conhecimento, um saber que inclui e dialetiza com as próprias tecnologias que estão na base do seu processo de produção e circulação.

Palavras-chave: Análise do discurso; Enciclopédia audiovisual virtual; produção de conhecimento; divulgação e circulação de conhecimento; meio digital

Title: Language, Knowledge and technology: the Audiovisual Encyclopaedia of Terms, Concepts and Research in Discourse Analysis and Related Fields

Abstract: This paper aims to promote a discussion about language, technology and the production of knowledge, starting from a research project entitled Audiovisual Encyclopedia of Terms, Concepts and Research in Discourse Analysis and Related Fields. This Project generated outcomes that circulate on line to disseminate scientific knowledge in the Language Studies field. This Encyclopedia. This Encyclopedia is based on what Pêcheux calls the discursive construction of polemic spaces of ways of reading. We work on questions that cross fields of discursivity, modes of textual production and circulation of knowledge, taking into consideration the increase of cutting edge technology in a capitalist society. One of those questions is exactly the meaning of the term “science” in the digital world, either as information deprived of its own history or as knowledge production, an inclusive way of understanding that has a dialectical relationship with the Technologies that lay ground for its own production and circulation.

Keywords: Discourse Analysis; Audiovisual Encyclopedia on line; Knowledge Production; Dissemination and Circulation of Knowledge; Digital World

1 Um projeto e sua historicidade

Objetiva-se apresentar a reflexão discursiva que está na base teórica do processo de produção de uma enciclopédia audiovisual virtual que tem como finalidade principal a divulgação de ciência. Trata-se da *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e em Áreas Afins*, resultado de um projeto elaborado em 2013, que obteve recursos FAPERJ, e que, em 2016, foi ampliado e aprovado com financiamento concedido pelo CNPq¹. Em todas as etapas iniciais, o trabalho foi desenvolvido coletivamente no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), que coordeno colegiadamente na Universidade Federal Fluminense (UFF)². Com a renovação do projeto a

¹ O projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* (Edital Humanidades, FAPERJ E-26/111.085/2013), durou três anos (2013 – 2016). Em 2016, a fim de dar continuidade ao trabalho, foi elaborado o projeto *Produção da enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica*, que em dezembro de 2016 passou a contar com a aprovação do Edital Universal do CNPq e, até o presente momento, aguarda a liberação oficial dos recursos para despesas de capital e custeio.

² O Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF) foi fundado em 2008 e é coordenado de forma colegiada por mim mesma e pelas professoras Vanise

partir de sua aprovação em edital universal do CNPq (Edital MCT/CNPq 01/2016), passamos a contar com a parceria do Laboratório em Estudos de Tradução (LABESTRAD) da UFF, coordenado pela professora Giovana Cordeiro Campos, como será exposto mais adiante.

Essa *Enciclopédia* é organizada em verbetes construídos a partir das falas de pesquisadores especialistas em Análise do Discurso, os quais foram filmados apresentando um conceito, um termo ou um fragmento de pesquisa vinculado ao verbete em questão. Até o momento temos 24 verbetes filmados e editados, transformando-se em pequenos vídeo-verbetes. Em seu conjunto, os atuais 24 vídeo-verbetes foram postados no canal que nosso Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) tem no chamado UFFTUBE, um canal da Universidade Federal Fluminense(UFF) no *youtube.com*, e já podem ser acessados com o link <http://ufftube.uff.br/user/LAS>.

A característica acadêmica principal desses dois projetos, tanto o que recebeu apoio FAPERJ, como o que está

Medeiros e Silmara Dela da Silva. O LAs tem duas linhas de pesquisa centrais – Análise do Discurso e História das Ideias Linguísticas e, como objetivos gerais, além da formação de jovens pesquisadores, a discussão e a análise dos processos de individualização e de subjetivação bem como a organização de um arquivo digital com as mais diversas materialidades orais, escritas, visuais e digitais.

em vigor agora, com apoio CNPq, foi a de ser um projeto de pesquisa coletivo, ou seja, um trabalho realizado por professores, pós-doutores, doutorandos, mestrandos e graduandos em que à investigação teórico-metodológica agregava-se um fazer, uma práxis que deslocou as posições do sujeito pesquisador, tanto a dos membros da equipe quanto a dos convidados.

Atualmente, visamos a gravação de mais pesquisadores tanto em Análise do Discurso, quanto aqueles de áreas afins, sejam tais áreas no âmbito Ciências da Linguagem, como História das Ideias Linguísticas, Semântica, Filosofia da Linguagem e Pragmática, sejam disciplinas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais em geral, como Psicanálise, História, Filosofia. Nossa proposta é sempre a de dar acesso à palavra do próprio pesquisador, seguindo os passos de outras iniciativas já existentes, como a de determinadas revistas *online:ComCiência*, produzida pelo LABJOR/UNICAMP, e pela *Revista Científica Ciência em Curso*, da UNISUL. Ambas incluem distintas mídias (áudio, imagem, fotografias, links) visando uma interação com os leitores, ou internautas, como explicam as idealizadoras da revista *Laboratório Ciência em Curso* (FLORES, 2012).

Além de novas gravações, visamos também ampliar o alcance da divulgação científica. Assim sendo, a partir da já mencionada parceria com o LABESTRAD foi possível propor a incorporação de legendagem em português, em inglês, em francês e em espanhol como forma de alcançar, sobretudo, os estudos de linguagem realizados nas Américas. Incluímos na discussão sobre a legendagem que vem sendo realizada o fato teórico de que as línguas são uma questão de Estado (GADET e PÊCHEUX, 2010 [1981]) e que a divulgação de ciência em outras línguas é uma questão de política (científica) e, nessa medida, uma questão de políticas de Estado também.

Na história de constituição do projeto da *Enciclopédia*, destacam-se duas filiações em termos de uma práxis com a finalidade de divulgar a Análise do Discurso. A primeira pode ser referida a um gesto de continuidade e de deslocamento em relação ao trabalho realizado no *Glossário de Termos da Análise do Discurso*, iniciativa de Maria Cristina Leandro Ferreira, em 2001, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.³ Uma segunda filiação pode ser localizada em uma tentativa de organização da *wikiGTDIS*, a proposta de

³ Para maiores esclarecimentos, pode-se ouvir o depoimento da própria pesquisadora, no verbete *glossário da análise do discurso* em <http://ufftube.uff.br/video/716MNHM4BBOO/Gloss%C3%A1rio-da-An%C3%A1lise-do-Discurso--Maria-Cristina-Leandro-Ferreira>

organização de uma enciclopédia a ser escrita coletivamente sobre Análise do Discurso. Essa proposta foi debatida e iniciada pelo grupo de Teoria do Discurso (GTDIS), em 2012, e chegou a produzir os verbetes ‘arquivo’ e ‘real’.⁴

Em termos da organização teórica da *Enciclopédia*, retomamos de Pêcheux (1995 [1981]) sua reflexão sobre as (im)possibilidades inscritas “no espaço polêmico das maneiras de ler” (Pêcheux, 1995 [1981], p. 51) os bancos de dados e seus processos de gestão, entendendo que no próprio processo de produção dos vídeo-verbetes tais (im)possibilidades ressoam e nos desafiam. No que diz respeito aos pesquisadores que apresentam os vídeo-verbetes, nos encontramos situados no espaço polêmico das formas de dizer a ciência. Um espaço marcado pela memória constitutiva por uma forma do dizer acadêmico em tensão com marcas singulares de enunciação, tendo em vista o modo específico de cada um se inscrever subjetivamente no enunciar o discurso científico. Já no campo de legendagem, nos deparamos com as contradições produzidas no processo de ter de administrar o dito conforme limites técnicos, e demos de cara, também, com o real da língua, uma vez que

⁴ Tais verbetes foram transformados em artigos e publicados.

nem tudo pode ser dito e nem tudo pode ser textualizado na forma de tradução do que foi dito.

A linguagem, do ponto de vista discursivo, é compreendida em sua ordem simbólica, ou seja, um sistema relativamente autônomo, marcado pela incompletude e sujeito a um funcionamento que não é sem falhas. Na base material da linguagem se constituem, se inscrevem e se realizam a subjetividade e os processos ideológicos. Compreende-se, em *Análise do Discurso*, que a linguagem tem um funcionamento sujeito a falhas e submetido ao político, pois o político está na base dos processos de produção dos sentidos sua incessante divisão. Uma divisão constituída pela historicidade das lutas sociais em torno da estabilização de alguns processos de significação e do silenciamento de outros.

Em relação ao sujeito, é com a crítica à ideia de um indivíduo consciente que se teoriza em *Análise do Discurso* essa noção. Considera-se uma teoria da subjetividade que mobiliza os conceitos de ideologia e inconsciente, demarcando-se, dessa forma, que o sujeito não é origem do dizer nem o controla totalmente. (PÊCHEUX, 1988 [1975]). Pela ideologia se compreende o sujeito assujeitado, ou seja, inscrito em posições discursivas a partir das quais enuncia na ilusão de que tais dizeres surgem em si mesmo. Tais posições

se encontram nas formações discursivas, que são regiões dos processos de produção dos sentidos que determinam o que pode e deve ser dito em dadas circunstâncias, ou melhor, em dados rituais sociais imaginários. Ao falar a partir dessas posições, o sujeito vai repetindo sentidos produzidos historicamente. Considerando-se o real da história no funcionamento contraditório da ideologia, por outro lado, compreende-se também as falhas nos rituais, a resistência aos sentidos hegemônicos e o incessante questionamento crítico do que circula como óbvio e evidente.

No campo do discursivo, entende-se que a linguagem é condição para haver sujeito do inconsciente, esse estranho que habita nossa subjetividade e que, conforme afirmou Freud, expôs a ferida narcísica que nos constitui enquanto humanos. Para Pêcheux, inconsciente e ideologia operam continuamente na subjetividade, mas tal operação não é perceptível para o sujeito, que, ao falar, sempre diz mais do que supõe.

Segundo Orlandi (2001, p. 106), em suas formulações teóricas, se na base da Análise do Discurso está o fato teórico incontornável da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, e sua divisão pelo inconsciente, há que se compreender que o Estado, com suas instituições, é

responsável pelos processos de individualização, ou seja, pela inscrição do sujeito em seu tempo sócio-histórico, na forma-sujeito capitalista. Mas tal inscrição não se realiza sem tropeços e falhas, sem equivocções e dúvidas. Afinal, é com e pelo simbólico que o inconsciente divide, a ideologia interpela e o Estado impõe regras e limites; é com e pelo simbólico que o sujeito segue determinado e errante, com seus rituais falhados, exposto ao real da língua e ao real do inconsciente, com seus horizontes sempre podendo ficar em aberto.

E aqui entra uma reflexão sobre o discurso científico e sua divulgação. A produção de conhecimento, como qualquer outra discursividade, encontra-se submetida aos efeitos da historicidade e dos processos ideológicos. A produção de conhecimento está sujeita a toda essa tensão em que joga o simbólico, ou seja, na discursividade que constitui as ciências da linguagem, as línguas são representações, são em si construções teóricas, não são objetos.⁵ Os cientistas, os pesquisadores, são sujeitos afetados pelo funcionamento da ideologia e do inconsciente, como entendemos discursivamente. Deve-se ressaltar a historicidade

⁵ Vindo de um campo teórico próximo, Santos (2008, 77) afirma que as metodologias são linguagens e as ditas realidades científicas respondem nas línguas em que são perguntadas e formuladas.

constitutiva do processo de produção/transmissão/divulgação de uma teoria assim como do ponto de vista da leitura, a chamada recepção, seja ela do ponto de vista de um estudante, seja do ponto de vista de um público leigo ou ainda do ponto de vista de outros pesquisadores.

Em termos da produção de conhecimento científico, de sua divulgação e da posição-sujeito pesquisador inserido em instituições de pesquisa jogam políticas que produzem efeitos na própria produção do conhecimento e na sociedade. Como nos lembra Orlandi (2004),

nas sociedades capitalistas ocidentais, a ciência é lugar de políticas que excluem, que incluem, que promovem, que relegam ao esquecimento, que legitima, etc. (...) Quando pensamos o discurso científico, estamos tratando do lugar social do sujeito relativamente ao modo como ele significa nessa relação com o conhecimento. Falar em ciência, então, já que ciência, tecnologia e administração (governo) se sobredeterminam, necessariamente, é um gesto político por excelência com consequências sociais muito relevantes. (ORLANDI, 2004, p. 129).

Em relação à política de Estado vigente, a posição do cientista pode ser a de adesão, resistência, silenciamento ou de proposição de alternativas. Seja como for, cabe ao pesquisador se perguntar sobre o lugar da produção e dos modos de divulgação científica no estabelecimento de relações com políticas de Estado, com a sociedade e com a universidade, enquanto lugar privilegiado da disciplinarização e transmissão. (MARIANI; MEDEIROS, 2014, p. 18).

O trabalho que vem sendo desenvolvido com a *Enciclopédia* suscitou e continua suscitando indagações que percorrem domínios da discursividade da textualização da ciência, em termos das novas tecnologias, e do sujeito, na posição de cientista, em uma sociedade capitalista em que a presença da tecnologia (das máquinas e da memória metálica) se impõe cada vez mais. Trabalhamos repensando sempre os fundamentos da Análise do Discurso, no que esta disciplina nos alerta sobre a produção de conhecimento.

2. Considerações teóricas sobre o processo de produção

Para apresentar outros aspectos relativos à base teórica sobre a qual a *Enciclopédia* foi e continua sendo construída, retomo as palavras do título: ‘linguagem’, ‘conhecimento’ e ‘tecnologia’, tendo em vista que se trata de uma enciclopédia virtual sobre uma determinada área das ciências da linguagem. Estamos inscritos no campo de questões sobre objetos de linguagem construídos na relação entre o humano, as máquinas e a ciência, ou, como nos diz Dias (2016), um objeto pensado em termos de uma possível administração das relações de sentidos “entre as línguas ditas naturais e a língua metálica”. São relações de sentidos constituídas ao longo da terceira revolução tecnolinguística (Auroux, 1998).

Vale lembrar que a revolução tecnológica da escrita (Auroux, 2001 [1992]) constituiu a primeira revolução tecnolinguística que, segundo Auroux, propiciou uma alteração radical na forma ocidental de se experienciar a linguagem e as práticas sócio-linguísticas bem como produziu efeitos na maneira de se constituir saberes sobre as próprias línguas e sobre as formações sociais em que se inscrevem. A segunda revolução, de acordo com Auroux (*idem*), diz respeito ao processo irreversível de gramatização das línguas do mundo, ou seja, de dotar as línguas de instrumentos linguísticos, as gramáticas e os dicionários, instrumentos

científicos a serviço dessa revolução tecnolinguística. A terceira revolução tecnolinguística, por sua vez, está ligada à “mecanização da linguagem, com o advento da informatização” (AUROUX,1998, p. 397), ou seja, o tratamento automático da linguagem.

A linguagem é uma questão tecnológica fundamental para os decênios que se aproximam. A cada vez que uma situação como essa se produziu (com o desenvolvimento da escrita ou com a gramatização do vernáculo), ela se seguiu de importantes consequências para a humanidade. A automatização não é entretanto uma questão como as precedentes; ela coloca em jogo a natureza da linguagem, sua relação com a atividade especificamente humana. (AUROUX *id, ibid.*)

2.1 Tecnologia e linguagem

A palavra ‘tecnologia’ é super-utilizada nos dias de hoje e sua significação remete a aparentemente um já-sabido, a um processo ideológico de produção de evidência de sentidos. Raramente sua significação se encontra associada à produção de gramáticas e dicionários, tal como Aurox preconiza. “Tecnologia” é em geral um termo usado e significado em relação às tecnologias de informação e de

comunicação; tecnologias vinculadas a tudo que se encontra relacionado à informática (e aqui incluem os processos através dos quais dados de escrita, voz e imagem são produzidos, transmitidos e recebidos).⁶ Esse tratamento eletrônico da informação, ou mecanização da comunicação humana, como diz Auroux (1998) pode intervir nas atividades do humano, mas não substituí-lo.

Além disso, também nos dias de hoje, dada a ampla circulação do termo ‘tecnologia’, e dada a naturalização com que a tecnologia se encontra associada a objetos inseridos nas práticas sociais, encontramos o tratamento automático da linguagem associado a um imaginário de progresso e inovação em todas as instâncias sociais.

Por exemplo, enquanto eu preparava o texto para o VII SENALE, ouvi uma reportagem em um telejornal na qual a repórter, tendo ao fundo a imagem de uma escola pública de periferia, afirmava: “Como somos uma sociedade em que a tecnologia faz parte do dia a dia, nada melhor do que aliar essa tecnologia ao ensino, como forma de motivar os alunos.” E, em seguida, a repórter faz uma pergunta para uma professora e para alguns alunos: “O que vc acha de

⁶ Freire, revista RUA, número 15, volume 2, nov. 2009.

aprender/ensinar jogando videogame?”⁷ Penso não ser necessário fazer a transcrição da resposta.

A discursividade que está na textualidade dessa notícia do telejornal materializa a significação transparente da palavra ‘tecnologia’. Tecnologia aparece como algo já sabido, já conhecido, e se encontra associada a um objeto, o videogame. E se encontra associada, também, ao ensino em uma escola que atende crianças e adolescentes que moram na periferia, às margens da sociedade branca, urbana e de classe média/média alta dos grandes centros. A matéria jornalística, indiretamente, reforça discursivamente uma direção da produção de sentidos que valoriza a supostamente também já conhecida necessidade da inclusão digital. Se não é de hoje que se discute a chamada “divisão digital” e a necessidade da inclusão de todas as formações sociais de forma geral e global na vida tecnológica e digital propiciada pela sociedade de informação, em 2003, ocorreu uma primeira reunião em torno justamente dessa sociedade de informação⁸. Em 2003, se postulou e se redigiu uma

⁷Enunciados ditos em reportagem sobre jogos educativos sendo apresentados em escolas públicas. *Jornal Bom Dia Rio*, 6:20am, dia 10/11/2016).

⁸ Refiro-me ao *Sommet Mondialsurla Société de L’Information*. Génève, 10 a 12 de dezembro, 2003.

declaração de princípios⁹ defendendo a inclusão de todos no acesso ao uso do meio digital, reconhecendo que “l’education, le savoir, l’information et la communication sont à la base du progrès, de l’esprit d’entreprise et du bien-être de l’être humain.”¹⁰

A partir desse pequeno exemplo recortado do jornal televisivo, temos um flash de produção discursiva, no caso uma produção que legitima e coloca em relação um objeto – a tecnologia-, um sentido de sociedade – sociedade digital, ou de informação –, e o estabelecimento de uma relação entre as tecnologias da informação e comunicação com uma forma pedagógica escolar, enquanto atividade de ensino que estaria mesclando saberes. Sem dúvida, a inclusão do uso do videogame talvez até possa produzir efeitos pedagógicos, mas seu uso sem questionamento crítico, produz apagamentos que vão da ilusão do uso da tecnologia como elemento de mudança social na escola à reiteração do imaginário de que,

⁹ Tal declaração de princípios é seguida por um plano de ação e uma agenda. Desde então, já foram realizados vários encontros e discussões. (cf. <http://www.itu.int/net/wsis/index-fr.html>(Sítio consultado pela primeira vez em dezembro de 2012).

¹⁰“... a educação, o saber, a informação e a comunicação estão na base do progresso, do espírito de empreendimento e do bem estar do ser humano.” (tradução livro, do texto que se encontra no sítio <http://www.itu.int/net/wsis/docs/geneva/official/dop-fr.html> , consultado em abril de 2017). Tal declaração, dentre vários apontamentos, conceitua o que seria uma sociedade de informação para todos, quais seriam seus princípios básicos, qual o papel dos governos, etc.

por si só, a presença e o uso de tecnologias favorece a resolução de problemas pedagógicos. Além disso, outra ilusão construída a partir de uma memória discursiva já em curso e que engendra sentidos para tecnologia é a de uma reificação da tecnologia associada ao imaginário da inevitabilidade de uma mudança social já em curso, sendo realizada em termos racionais e objetivos a partir da onipresença dos aparatos tecnológicos e do meio digital¹¹.

Ora, da posição teórica da Análise do Discurso, é necessário produzir um estranhamento à evidência de significação de tecnologia tendo em vista a sustentação teórica que baliza a construção de uma enciclopédia digital. É necessário, então, questionar: Quais os sentidos de tecnologia? Quais os efeitos desse processo de construção de evidências? De que forma está em jogo um trabalho da memória que coloca a tecnologia a serviço do político? Termo polissêmico, servindo ideologicamente a diferentes interesses na esfera do político e usado de diferentes maneiras conforme as categorias profissionais, ‘tecnologia’ designa o quê? Sobretudo nos dias de hoje, quando circunscrevemos tecnologia, produção de conhecimento e divulgação científica

¹¹Cf artigo de Miranda, 2008.

no âmbito das ciências da linguagem, como entender tecnologia?

2.2 Por uma historicização dos sentidos de tecnologia

As várias perguntas acima supõem um trabalho discursivo de estranhamento das evidências, ou seja, de historicização da palavra ‘tecnologia’. Se, conforme a Análise do Discurso, os sentidos têm história e se encontram engendrados na memória discursiva, isso se dá porque se encontram inscritos no lembrar-e-esquecer, no ratificar/reiterar, no dizer/desdizer, no apagar/silenciar. Ao historicizar os processos de produção dos sentidos para ‘tecnologia’, procuramos desestabilizar o já-dito, visando compreender de que forma se deu o processo de produção de sentidos que produz o efeito de transparência. Há uma memória em funcionamento na reportagem mencionada anteriormente que traz como evidente e óbvia a presença disso que se chama de ‘tecnologia’, usualmente associada à presença de determinados objetos, em nosso dia a dia. Uma memória que funciona pela repetição e pelo esquecimento, nos fazendo compreender como que o que chamamos de realidade, ou nosso mundo, está constituído pela linguagem

em sua materialidade. Retomamos de Costa parte de suas reflexões:

O termo 'tecnologia', nessa perspectiva, deve ser tomado como uma noção que encerra em sua compreensão sua constituição ideológica, seu caráter contraditório e paradoxal, as distintas inscrições que, a partir desse campo sentido - sempre, é preciso dizer - levantam a bandeira do progresso. Constituição que não está fora dos jogos de poder que definem caminhos pelos quais a organização sócio-política se mostra útil a vida humana, sob o pretexto de conduzir o homem a realizações cada vez mais notáveis. Os notáveis, vale ressaltar, não são definidos aleatoriamente. (COSTA, 2017, p. 74).

É necessário assim estabelecer no que diz respeito às tecnologias, ao menos um recorte que, estabelecendo um horizonte de retrospecção, possa contribuir no desenho de outros horizontes, ou domínios de pensamento, o de atualidade e um de projeção.

Freud, por exemplo, em o *Futuro de uma ilusão* (1927) e, sobretudo, em o *Mal estar na civilização* (1930), reflete sobre a presença da tecnologia como uma forma através da qual nós, humanos, seres que se significam como racionais e civilizados, buscamos algum tipo de controle

sobre nós mesmos e sobre o que se encontra no nosso entorno. Freud se pergunta sobre o homem comum, ou seja, aquele que busca a satisfação (ou felicidade, nos termos de Freud), fugindo do desprazer. E que, para tanto, vai construindo métodos para evitar o sofrimento. Dentre tais métodos, Freud menciona o aproveitamento trazido pelo progresso científico e técnico: as invenções de seu tempo, o final do século XIX e início do século XX. São objetos que, na nossa atualidade, já consideramos quase banais: a ferrovia, o telefone, o telégrafo, a máquina de escrever... Nos dias de hoje, se pergunto para meu neto o que é uma máquina de escrever, com certeza ele não saberá responder, mas se perguntar sobre um celular ou videogame, ele rapidamente terá algo para dizer e, muito provavelmente, irá me ensinar a como utilizá-los.

Freud, no entanto, questionava a presença desses objetos como fonte de prazer, pois destacava tanto sua relevância em termos de progresso civilizacional quanto em termos dos problemas subjetivos que causavam. Justamente porque o sentimento de felicidade é algo extremamente subjetivo, nenhum objeto ou modo de estar no mundo pode evitar completamente o desprazer. Assim, uma mesma ferrovia que representa um avanço civilizacional porque encurta as distâncias é também

responsável pelo afastamento de um ente querido, por exemplo. Algo parecido se passava com o telefone, uma vez que a escuta momentânea da voz de alguém significa sua ausência naquele mesmo momento.

No campo da literatura, Eça de Queirós expressa a angústia desse homem do século XIX no romance *A cidade e as serras*, em que a cidade representa o máximo da “ação civilizatória” (p. 154) com a onipresença da eletricidade e com suas “invenções do Saber!”, “utensílios misteriosos como o Gramophono, o Microphono, o numerador de páginas, o collador de estampilhas” (QUEIRÓS, 2011 [1901], p. 142, 143...). O romancista critica o incremento dessas invenções do Saber, associando o progressivo esvaziamento subjetivo ao acúmulo de objetos apropriado pelo enriquecimento da burguesia.

E nesse horizonte de restrospecção, quando retornamos às décadas de 40 e 50 do século XX, quando ocorre a invenção do computador (uma super-máquina de calcular eletro-mecânica), e, posteriormente, no final da década de 60, quando foi inventada a internet (chamada de ARPANET, uma rede de computadores que servia para interligar militares e laboratórios de pesquisa), é possível estabelecer uma associação entre tecnologia (técnicas e

princípios científicos voltados para a elaboração e uso de materiais, objetos *etc*) e tecnocracia (forma de governo baseada na valorização da técnica de peritos; em situação extrema, o tecnocrata pode vir a tomar o lugar do político, conforme Bobbio, 1996). Nessa relação, em que se tem, conforme nos ensina Bobbio (*idem*), uma “terceira revolução (a da automação e do computador)”, ou tecnologia, nos nossos termos, joga o tecnológico sendo incorporado à fala do tecnocrata. Uma fala que produz legitimações em torno do progresso, qualidade sempre associada ao termo ‘tecnologia’ e ao termo ‘ciência’. Assim, temos tecnologia associada ao fazer científico inovador, conjunto de discursos a serviço de uma ideologia do progresso.

Com uma valorização da discursividade do tecnológico, silencia-se, à gosto do tecnocrata, o político, ou seja, a presença da divisão dos sentidos nos processos de produção e o fato de que, qualquer que seja a tecnologia, ela é feita de linguagem e por sujeitos ideologicamente interpelados. E no mundo globalizado da atualidade, dizer ‘novas tecnologias’ é capitalizar para o presente a velocidade e multiplicidade das descobertas de processos e produtos que, em pouco tempo, podem se tornar ultrapassados.

2.3 Tecnologia e divulgação de ciência

No caso da nossa *Enciclopédia*, interessa discutir a presença da tecnologia nas relações científicas, sobretudo no que diz respeito à divulgação de ciência. É necessário, portanto, refletir sobre a presença material da produção de conhecimento nas relações sociais, desautomatizando as evidências, bem como compreender as formas assumidas pelo conhecimento ao entrar em circulação com e a partir das tecnologias de linguagem. Orlandi (*idem*) assinala a importância de se analisarem vídeos acadêmicos e científicos disponibilizados em ambiente virtual. É necessário, diz a autora, entender que o funcionamento da discursividade virtual na circulação do conhecimento sofre efeitos sócio-históricos como qualquer outra forma de discursividade. Em outras palavras, não se pode ficar indiferente ao modo como o conhecimento circula. Esses modos – apresentações em congressos, *papers*, livros, revistas de divulgação científica, meio digital – fazem parte dos processos de significação constitutivos da produção de conhecimento e de suas práticas.

Para nós, portanto, trata-se não apenas de produzir vídeos-verbetes de natureza virtual. Ao produzi-los trazendo a voz do pesquisador e legendando o que foi dito em outras

línguas, pretende-se de alguma forma praticar uma intervenção crítica a partir da discussão incessante sobre o próprio processo de sua produção. No gesto de traduzir para fazer legendas se encontram discussões pertinentes ao campo da divulgação científica. Como já formulamos em outro momento (MARIANI e CORDEIRO, 2017), traduzir e legendar supõem a construção de um dispositivo tradutório que mobilize as línguas envolvidas – e aqui se encontra o terreno próprio ao tradutor –, e discursividades específicas que envolvem o processo de legendagem, como a passagem do oral para o escrito, por exemplo.

Freire formula três questões que são pertinentes ao que nos propusemos a discutir: “(i) como as novas tecnologias afetam a construção do conhecimento, (ii) como o conhecimento constrói novas tecnologias, (iii) como as novas tecnologias dão corpo ao conhecimento.” (2009, p. 2) Para nós, esses questionamentos fazem eco em nosso gesto de teorizar o próprio movimento de construção do projeto *Enciclopédia* como forma de nos expormos à opacidade dos processos de sua elaboração sob as condições de produção do fazer científico da universidade na atualidade. Assim, ao nos situarmos no campo da Análise do Discurso, compreendemos nossa empreitada de produção da Enciclopédia supondo a produção científica de um objeto de linguagem constituído

sócio-historicamente e que se vale de uma tecnologia vinculada à informática. (Dela Silva, 2016). Os vídeo-verbetes, se são produtos vinculados à tecnologia, são também resultado de um trabalho de linguagem e de sujeitos interpelados pela ideologia e divididos pelo inconsciente, abrindo fissuras no campo de uma memória já estabilizada.

Como nos diz Dela Silva (2016), “quando olhamos para os vídeos para além de sua imaginária condição de produto, permitimo-nos pensar em seus processos de formulação, um processo discursivo de retomada de sentidos e de constituição de sujeitos.” Nesse formato de circulação de conhecimento possibilitado pela utilização das tecnologias vinculadas ao mundo do ciberespaço, os vídeo-verbetes da Enciclopédia se propõem a divulgar conceitos e pesquisas não abrindo mão da espessura do discurso científico, ao mesmo tempo em que se encontram perpassados pela singularidade e estilo da presença do próprio pesquisador. Não se domestica o saber, nem se pretende gerenciar a forma como esse saber será transmitido; ao contrário, a enunciação científica, entendida aqui como a presença material de marcas subjetivas de cada pesquisador convidado, com sua voz própria, seus silêncios, hesitações, olhar, gestos e posição do corpo, se entremeia ao discurso da ciência, e, mais

especificamente, ao modo de articulação oral-escrito da Análise do Discurso.

Os sentidos sempre podem ser outros, como nos lembra Orlandi (1988), pois a linguagem, em seu funcionamento parafrástico-polissêmico, sendo constituída como uma não-totalidade, permite a movência e a fluidez dos significantes. Os vídeo-verbetes registram a forma autoral que se institui nessa enunciação, com suas retomadas, deslocamentos e ressignificações, com sua memória e condições históricas em que construíram o conhecimento que, naquele momento da filmagem, estão colocando em circulação. Eu diria indo além: está em jogo a transmissão do conhecimento, e não apenas sua divulgação.

Gallo (2011), em artigo intitulado “A ciência da linguagem e a tecnologia”, ao discutir a imposição do discurso da inovação em ciência, chama a atenção para o fato de que a presença da tecnologia reorganiza práticas tradicionais de tal forma que muitas vezes acaba por se sobrepor ao próprio fazer. No caso específico das Ciências Humanas e Sociais, diz a autora, a tecnologia não “é o fim, nossa finalidade”, e acrescenta “Podemos dizer que o conhecimento que nos interessa, quando fazemos ciência, não está exatamente na ciência, nem na tecnologia, nem na inovação, mas sim, no

movimento, nas relações que aí se estabelecem.” (Gallo, *idem*, p. 14)

Para nós, há instâncias políticas, jurídicas e pedagógicas, enfim, instâncias institucionais que alimentam a produção de saber, produzindo injunções e delimitações para sua forma de produção. Se a circulação do conhecimento científico incorpora tanto a ideia de visibilidade e divulgação quanto a necessidade ética de tornar pública sua produção, estando assim vinculada e submetida a políticas de Estado que fomentam essa produção (Guimarães, 2001, 2009), o pressuposto da necessidade de inovação em ciência é uma característica que, já há alguns anos, se tornou presente nos discursos oficiais que organizam políticas públicas em editais que estabelecem critérios para a distribuição de recursos. (MARIANI e MEDEIROS, *idem*) Nosso projeto incorporou esse termo ‘inovação’, porém, com muitas ressalvas e críticas, entendendo que o discurso de inovação como necessidade, discurso produzido pelo Estado, afeta e interpela o sujeito da ciência “como aquele que tem de estar (se) (re)(i)novando no ritmo (tempo/espço) da inovação tecnológica, administrativa, jurídica, urbana, social. Um sujeito da ciência tripartite, composto pela universidade, pelo governo, pela empresa.” (BRANCO, 2016, p. 48). No nosso modo discursivo de fazer a *Enciclopédia*, trabalhamos na fronteira: se

retomamos a ideia de enciclopédia como um produto (um livro em papel, fechado e acabado¹²) que serve para expor de forma exaustiva o conhecimento humano acumulado, propusemos um deslocamento, com o termo ‘virtual’ determinando ‘enciclopédia’, para algo que pode ficar em permanente processo de ampliação, sem ser finito ou completo. Assim pensada, a *Enciclopédia* entra em funcionamento valendo-se das tecnologias de linguagem disponíveis, porém sem se submeter a-criticamente ao imaginário da inovação a qualquer preço e sem ceder às exigências do que está posto, atualmente, como evidência de que a ciência (esvaziada de sua dimensão de saber) é apenas mais um produto disponível do mercado volátil das invenções tecnológicas da informação. Acentuamos, dessa forma, que tal como está proposta, o gesto de produção da *Enciclopédia* se encontra investido mais pela tensão da incompletude, por um bordejar o real da língua e o real da história, do que mergulha nas certezas lógicas e nas necessidades pragmáticas do sujeito que busca um mundo semanticamente estabilizado. Teorizamos tanto o gesto que constrói os

¹²Auroux, como já dissemos em texto anterior (MARIANI e MEDEIROS, 2016) vai recuperar a *inadvertência* de Diderot na cisão entre dicionários e enciclopédias: aqueles se ocupando da metalinguagem; estes das coisas a saber.

dispositivos de produção dos vídeos e da legendagem quanto para o *produto* em sua aparente estabilidade. Assim, para Branco (2016, p. 59), em sua reflexão sobre o termo ‘inovação’ em relação à *Enciclopédia*, o trabalho em jogo se dá no acontecimento do dizer, e do fazer, e isso não é sem a produção de efeitos.

3. Finalizando...

Proponho, para finalizar, dois pontos que consideramos fortemente no processo de produção dos vídeo-verbetes da *enciclopédias* no processo de escritura da legendagem em outras línguas com finalidade de divulgação científica para pesquisadores em ciências da linguagem e ciências humanas e sociais de forma ampla. O primeiro ponto está ligado a uma afirmação de Orlandi: “Essa questão de colocar, nesse momento, a relação da ciência com as tecnologias de linguagem é uma necessidade histórica.” (ORLANDI, 2001, p. 135). Tal necessidade é algo que constitui a historicidade da produção de ciência nos dias de hoje bem como a da divulgação científica. O imaginário de inovação, enquanto resultante de políticas científicas de Estado, se encontra atrelado a essa estruturação histórica e, em geral, silencia sobre os percursos e sobre a memória do campo

investigado, produzindo a ilusão de incessantes descobertas inovadoras apenas para satisfazer necessidades do mercado das ciências e da informação. A questão está na ideologia do gesto que irá significar ciência: apenas como informação desprovida dessa mesma historicidade que a constitui, ou como produção de saber, conhecimento, e, nessa direção, são incluídas, significativamente, as tecnologias que estão na base de seu processo de produção e, também, de divulgação.

O segundo ponto tem a ver com a paixão de Pêcheux pelas máquinas, tema desenvolvido por Zanella (2016) para o livro que organizamos sobre o processo inicial de produção da *Enciclopédia*. Entre a “máquina de ler” (1969) e o gesto de leitura de arquivos informatizados (1982), temos Pêcheux participando de um congresso internacional “Informatique et scienceshumaines” (1981) e publicando texto com Marandin sobre a Análise do Discurso e a Informática. Acho que vale citar um pequeno trecho em que ele se posiciona diante da tecnologia:

... nem ceder às facilidades verbais da pura denúncia humanista do ‘computador’, nem se contraidentificar ao campo da informática (o que tornaria a reforçar o projeto desta), mas tomar concretamente partido, *no nível dos conceitos e dos procedimentos*, por este trabalho do pensamento em combate com sua própria memória, que caracteriza a

leitura-escritura do arquivo, sob suas diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende hoje a apagar este trabalho. Isso supõe *também* construir procedimentos, algoritmos informatizados, traduzindo, tão fielmente quanto possível, a pluralidade dos *gestos de leitura* que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivos. (PÊCHEUX, 2010 [1981], p. 59, grifos do autor)

Referências

AUROUX, S. *Filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

-----*A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2001.

BOBBIO, N. *Dicionário de política*. Brasília: editora da UNB, 1986.

BRANCO, L.C. Inovação – significante em movimento. IN: Mariani, B. (org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima& FAPERJ/CNPq, 2016, p.

COSTA, M. de S. *Um olhar pela tela. Sujeito, celular e(m) conexão: gestos de leitura do/no discurso humorístico para as práticas histórico-sociais na contemporaneidade*. Tese de

doutorado inédita (orientação de Bethania Mariani). Niterói, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, defesa em março de 2017.

DELA-SILVA, S. De produtos a processos: pensando a produção de vídeos discursivamente. IN MARIANI, B (org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima& FAPERJ/CNPq, 2016, p.

DIAS, J. P. Por uma definição de enciclopédia da Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias. In: MARIANI, B. *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima& FAPERJ/CNPq, 2016, p. 63 a 76.

FLORES, G. B. Revista *Laboratório Ciência em Curso*. v.1, n.1. jul./dez., 2012.

GALLO, S. A ciência da linguagem e a tecnologia. In rev. Da ABRALIN, v. 10, n. 4, 2011.

LUNKES, F. Considerações sobre a construção da *Enciclopédia audiovisual de conceitos em Análise do discurso*. In: MARIANI, B. *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação,*

inovação, divulgação. Rio de Janeiro: Edições Makunaima & FAPERJ/CNPq, 2016, p. 10-25.

MARIANI, B. *Produção da enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica*. Projeto enviado ao CNPq para o Edital Universal. Aprovado em dezembro de 2016.

MARIANI, B. e CORDEIRO, G. *Enciclopédia audiovisual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discurso e em áreas afins: teorização e práticas em curso*. IN: *Anais da ABRALIN 2017*, Universidade Federal fluminense, Niterói, 2017. (No prelo)

----- & MEDEIROS, V. *Disciplinarização dos Estudos em análise do Discurso*. IN: *Gragoatá*, Universidade Federal Fluminense, no. 34, Niterói: EDUFF, 2014, p. 5 a 19.

MIRANDA, Álvaro de. *Technological determinismo and ideology: questioning the 'Information Society' and the 'Digital Divide'*. Publicação da Universidade de Santiago de Compostela online. 13/11/2006. <http://firgoa.usc.es/drupal/files/2016_11_13_alvaro_de_miranda.pdf> Acesso em agosto, 2016.

ORLANDI, E. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.

------. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In : ORLANDI, E. (org.) *Gestos de leitura*. Ed. Da UNICAMP: Campinas, 1995.

PÊCHEUX, M.A *língua inatingível*; o discurso na história da Linguística. Campinas: Editora RG, segunda edição, 2010 [1981].

QUEIRÓS, E. De *A cidade e as serras*. SP :Editora Ática, série Bons Livros, 2011.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortês, 2008.

ZANELLA, A. Um(a) relação de Michel Pêcheux com as máquinas. In: MARIANI, B. *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima& FAPERJ/CNPq, 2016, p.